



*Ribeirinhas do Parauá e da Costa do Canabuoca que participaram da Oficina de Mapas na comunidade São Francisco do Parauá nos dias 12 e 13 agosto 2007 .
Da direita para a esquerda: Conceição, Socorro, Rosalina, Eliane, Margarida, Áurea, Maria, Elane e Maria José, Ana, Roseni e Izanilde*

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 20

Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca

Manaus, julho 2007

ISBN 85-86037-20-6

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Equipe de pesquisa

Luciane Silva da Costa (UFAM)
Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGSCA-UFAM)
Elieyd Sousa de Menezes (UFAM)
Gláucia Maria Quintino Baraúna (PPGS-UFAM)
Anderson Lima Marinho (SEMED)

Cartografia e elaboração da base

Luis Augusto Pereira Lima

Edição

Luciane Silva da Costa
Erika Sâmia Martins Aguiar

Clube de Mulheres Guerreiras Ribeirinhas – CMGR

Presidente Eliane Pereira Diniz
Vice-presidente Izanilde Palmeira Silva
Secretária Marlene Almeida de Oliveira
Vice-Secretaria Keli Pereira Coelho
Tesoureira Áurea Lima de Andrade
Vice-tesoureira Biatriz Diniz de Andrade

Mulheres Unidas do Artesanato– MUA

Responsável Elanias dos Santos Moris

Fotografia

Anderson Lima Marinho
Gláucia Maria Quintino Baraúna
Elieyd Sousa de Menezes
Luciane Silva da Costa

Participantes das tomadas de GPS

Eliane Pereira Diniz
Maria Pereira Diniz
Elias Andrade
Valéria Diniz de Andrade

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8
www.designcasa8.com.br



Ribeirinhas que participaram da Oficina de Mapas – Comunidade São Francisco do Parauá. 12 julho 2007

As Ribeirinhas, a roça e a enchente

“Ser ribeirinha é botar a mão na enxada e continuar a roça pra frente. A vida de ribeirinho é ter que subir barranco e subir barranco. Com chuva ou com sol tem que ir. Num tem dia. Num tem hora. Num tem descanso. É o dia todo. Entra a noite, num tem descanso pra ele. Principalmente quando a enchente, quando a água atinge, e aí fica mais difícil o trabalho em roça porque se trabalhava de dia tem que entrar pela noite ainda. Quem trabalha com várias produções, quem trabalhava com pecuária aí fica mais complicado porque dentro da produção tem que dar conta da criação, porque aí ele não sabe onde vai botar. Quando não tem campo adequando ele sai com ele na cabeça procurando onde ele vai deixar. Deixar sozinho ele não vai, senão é arriscado morrer, adoecer.” **Maria da Conceição Pereira Diniz**, Costa do Canabuoca/Fé em Deus

“As mulheres ribeirinhas são fortes e corajosas porque apesar de toda a dificuldade elas tão ali levando as coisas pra frente. A vida é difícil no interior porque tudo fica difícil na enchente. Elas lutam de todo o jeito. Quando tem uma terra adequada tudo tem, mas quando não tem vai por aí procurar às vezes até perder o bichinho (gado), que morre acostumado na várzea, quando vai pra terra firme é difícil mas devemos dar graças a Deus pra ele nos dar força pra vencer tudo isso. Porque se todos nós for pra cidade como que vai ficar pior pra viver. Já no interior todo mundo pode trabalhar num pedacinho de terra pra viver com sua família.” **Margarida Almeida**, Parauá/São Francisco

“Apesar de eu não ter nascido aqui, eu não vivo que nem as outras parceiras que trabalham na roça, no cabo da enxada, mas a gente contempla pelas dificuldades dos trabalhos da produção de maracujá que dar trabalho. A água vem e mata, mas isso é bom porque pra nós termos fartura e o peixe com abundância. Então no momento que você parte daqui para a cidade você vai comer frutas que não fresca, tão não sei quantos dias nas prateleiras. Aqui pra nós é dificultoso, ser ribeirinha. A gente tem água com abundância, a gente não precisa pagar água, não precisamos pagar energia porque não tem mesmo, mas apesar das dificuldades, nós sermos ribeirinhas é muito bom. Tem tempo que os peixes tão difíceis de pegar, então fica difícil de alimento. Então pela uma parte fica difícil de comida. A parte que não tem é recompensada pela que não tem. Temos milho, macaxeira pra tomar café. Então apesar do sofrimento é lucrativo morar no interior (...). Nós no interior temos o trabalho. É dificultoso nosso trabalho, não é tão valorizado,

mas porque eles pagam abaixo do preço, mas o consumo é muito bom porque temos tudo com fartura. Então é prazeroso ser ribeirinha.” **Elanias dos Santos Moris**, Costa do Canabuoca/Cristo Rei

Ser ribeirinha até o fim

“Ser ribeirinha é amanhecer já pensando que temos que cuidar de menino. É acordar 5h da manhã. É fazer café, é dar comida pros bichos – galinha, porco, pato. Tudo isso a gente já amanhece o dia fazendo. É trabalhando na terra e partindo pra luta. Então a gente tem que dar conta de tudo isso. Às vezes a gente da cidade pode pensar: – puxa! Mais é muito bom ser ribeirinha. É muito bom. Porque ver fartura, ver mamão, ver macaxeira. É muito legal. Mas a luta que a gente tem pra conseguir, né? Mas dificuldade é ruim por uma parte. Já pensou a gente tá na cozinha e aí chamarem a gente? Na cidade é assim tem que bater ponto e aqui não. A gente trabalha, vai lá 5h, 6h. Se quiser largar às 9h larga, se quiser ir até às 6h da tarde, né? Se quiser ir vai, se não quiser não vai. Então é difícil, mas é bom, porque ninguém é obrigado a pegar aquele horário e largar aquele horário. Eu não tenho vontade de sair pra cidade. Nem mesmo meus filhos que já tiveram oportunidade de trabalhar lá e eles não querem ir. A nossa luta é fazer isso que nós tamos fazendo. É ser ribeirinha até o fim. É sempre ta trabalhando de um lado para o outro. Eu trabalho no meu cheiro, faço farinha, capino; isso eu faço. Lá em casa todo mundo estuda e eu fico em casa. Então ser doméstica, agricultora, pescadora, é tudo que a gente assume e faz parte.” **Eliane Pereira Diniz**, Parauá/São Francisco

“Se eu disser que eu não gostasse de ser ribeirinha, eu tava mentindo. Eu gosto. Meu pai me criou no interior. Eu amo o interior. Tem peixe. Por você ser livre, não ter horário de nada. Se você quiser, colocar horário você bota. Se você num quiser tudo bem. Você não tem água pra pagar. Não tem luz. Num tem telefone. Apesar de todo canto ser violento, seja no interior ou na cidade, a violência é geral. Eu gosto do interior. Tem os altos e baixos, mas nada é impossível se você planejar tudo com a água. A água é planejada como elas falaram. A gente colhe bem, a gente planta, a gente trabalha no roçado (...).” **Rosalina Alves Campos**, Parauá/São Francisco

Vida de ribeirinha

“A vida de ribeirinha aqui hoje não é fácil, eu já passei uma vida de ribeirinho antes de eu ter esse meu emprego aqui, eu já passei uma vida muito difícil nessa minha vida. Eu comecei a conviver com meu marido tô com 23 anos de casada. Tive 7 filhos. Os primeiros 3 filhos em diante já comecei a deixar só, e eu ia partir pra luta com meu marido porque era difícil de ganhar o pão naquele



Eliane Pereira Diniz, responsável pelo Grupo de Mulheres Guerreiras Ribeirinhas. 12 julho 2007



Chegadas das ribeirinhas na Escola Diniz Andrade para a Oficina de Mapas. 12 julho 2007



Sra. Maria do Socorro e Sra. Rosalina na Oficina de Mapas. 12 julho 2007



Maria Pereira Diniz, ribeirinha e merendeira. 2 agosto 2007

tempo, porque era difícil a agente vender macaxeira, ninguém vendia maracujá, ninguém plantava mamão, só era a malva e a juta. Então era péssimo. Então era uma fase muito difícil pra a gente sobreviver. O meu marido que plantava malva fez um empréstimo no banco. Naquele tempo trabalhou 3 anos pro Banco. Trabalhava, trabalhava muito, quando foi ver a produção só dava mal pra pagar o Banco porque era muito juro. Todo tempo o juro era muito alto e a gente ficava todo o tempo endividado com o patrão. Então foi o jeito eu, a gente partir pra luta, ao menos pra pescar, pra dar de comer meus filhos junto com meu marido e ajudar também o marido a trabalhar pra gente sobreviver. Então, foi mais de 10 anos de luta. Assim fazendo ajudava no roçado debaixo de sol, debaixo de chuva. Saindo de manhã 7h da manhã só com um golinho de café partia pra pescar pra pegar o peixe pro meu marido que tava no roçado trabalhando e trazer pro meus filhos em casa que ficava com os outros, com as crianças menores... eu chegava muitas vezes em casa e isso não era no rabetinha não, era no cabo da itaúba, no remo. A correnteza nesse igarapé aí. Pra você vir lá debaixo da onde a gente pesca pra onde a gente morava, você segurava duas, três vezes na beira do igarapé pra descansar o braço (...).

Hoje em dia meus filhos já cresceram. Tenho uma de 4 anos, uma na adolescência já, outros que já são jovens. Eu já tenho dito pra eles que a várzea não é fácil é muito difícil a gente enfrenta a realidade de ribeirinho e no meio da formiga, no meio do carapanã, muitas vezes serva mandioca terminava de serva às sete horas da noite. Ajeitava, misturava, ia colocar na prensa. Eu ia tomar banho nove horas da noite. Pra que? Por quê? Porque a enchente ia chegando, ou você colhia ou você perdia. Tudo isso aí é uma dificuldade do ribeirinho. Nós, ribeiros, que moramos aqui, muitas vezes perdemos a macaxeira. Como há três anos atrás perdemos pra mais de 60 sacos de macaxeira no meio do roçado que nós não colhemos. Porque a partir do momento que ela fica roxa num presta. Aí você torra ou você deixa lá. Pra você acudir a parte que ta em terra você tem que abandonar aquela parte. Então é muito difícil a vida do ribeirinho. É debaixo de sol, debaixo de chuva, no meio das formigas do capinzal.

Mas hoje, já arrumei emprego e já ajudo em casa meu marido. E meu marido já trabalha, já mudou a plantação, já partiu pro maracujá. Essa é uma fase que você pega mais o lucro. Que você só num arranca de uma vez. Você vai lá e junta. O mamão também você chega lá e apanha. Num é só uma vez que você colhe. Até a água chegar você colhe várias vezes e não tem o prejuízo demais cortando malva, carregando, botando dentre de água, afogando, tirando. Aquela maior dificuldade com a água nos peitos, com a água na cintura. Então essa daí é uma fase difícil. Eu trabalhei em malva desde os 7 anos até os 16 anos quando sair da casa de meus pais. Eu trabalhei em malva direto, carregava malva, cortava, alimpava, lavava, tudo isso aí. Então, a parte da mulher, da agricultora, aqui da várzea é uma parte muito difícil.” **Maria Pereira Diniz**, Parauá/São Francisco

A Cartografia Social

“Eu achei importante porque nessa situação de localização, o mapa vai localizar o local, como que a gente se mantém, a forma como a gente vive aqui. Como é na cheia, na seca, como é a alimentação, a sobrevivência da gente. Tudo isso é bom mostrar num mapa.” **Maria da Conceição Pereira Diniz**, Costa do Canabuoca/Fé em Deus

“Foi importante a oportunidade de cada uma contar a sua vida, o seu modo de viver, né? Pra mim foi um grande desenvolvimento.” **Margarida Almeida**, Parauá/São Francisco

“Eu achei muito importante, principalmente, apesar da cartografia que eu não chegava a conhecer. É mais um passo que damos pra frente através do conhecimento. E aqui hoje nós estamos só no começo, do que vamos aprender. Estamos também repassando pra vocês sobre o nosso modo de viver aqui na zona rural, principalmente na parte ribeirinha. Esse é um

Ribeirinhas da Várzea do Parauá e da C

Legenda

Áreas com infra-estrutura

- Brinquedoteca
- Posto de saúde
- Escola
- Sede comunitária
- Fábrica de Açaí
- Hospedagem
- Residências
- Igreja Católica
- Igreja Evangélica
- Telefone
- Campo de futebol
- Cemitério
- Comunidade do Parauá
- Comunidades da Costa do Canabuoca
- Usina de energia elétrica não concluída

Localização



Formas de produção

- Mamão
- Malva
- Milho
- Maracujá
- Mandioca
- Pimenta
- Açaí
- Goiaba
- Roçado
- Criação de gado

Áreas de uso comum

- Cacimba
- Árvores - mata
- Pescadores
- Área de pesca
- Acesso na seca
- Campo de gado
- Cacaia

Convenção

- Rios e igarapés

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Fonte:
Croquis das Comunidades da Costa do Canabuoca e Parauá
Imagem CBERS2-2005
Cartas Manacapuru Folha SA20-Z-D-II
e Jacaré Folha SA20-Z-D-V escala de 1:100.000

Equipe de Elaboração:
Luciane Silva da Costa
Márcia Pereira Diniz
Eliane Pereira Diniz

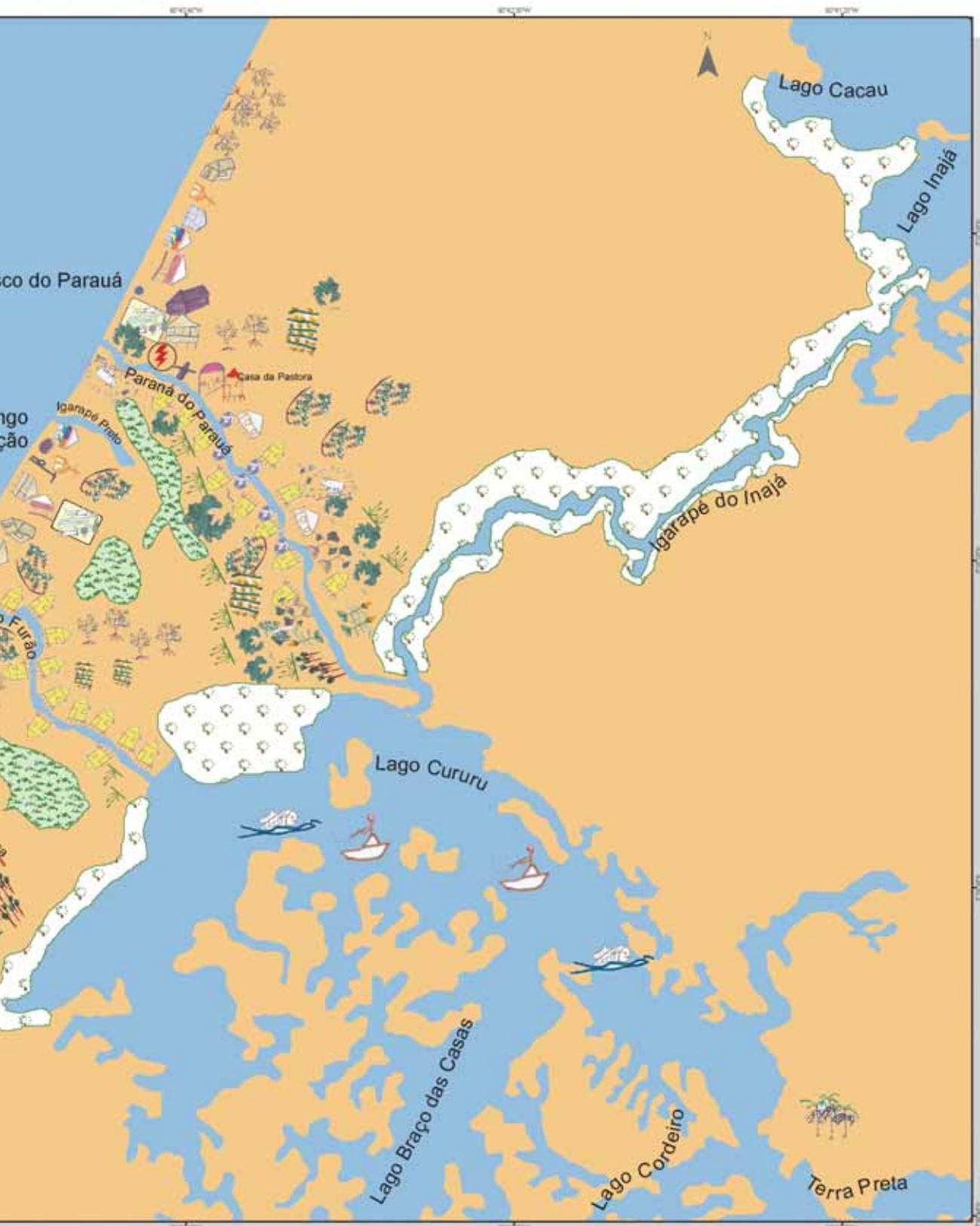
Agosto/2007 Cartografia: Luís Augusto Pereira Lima



Sistemas de Coordenadas Geográficas
Datum Geodésico Horizontal - SAD 69

1:38.000
0 400 800 1.200

Costa do Canabuoça - Manacapuru-Am





Sra. Áurea buscando a localização do Parauá no mapa. 13 julho 2007

passo que nós damos pra vocês aprender o conviver junto com nós, como nós vivemos, como nós trabalhamos, como nós passamos também sobre as dificuldades. A perda de trabalho, perda de produto. Aí sofremos também sobre a perda de alimento. Aí temos também dificuldades sobre a água tratada. Tudo isso aí é um grande problema pra nós, que nós temos aqui na nossa área.”

Maria Pereira Diniz, Parauá/São Francisco

“Eu achei bom, eu não tinha noção, eu não conhecia o mapa de revelações onde se possa entrar em contato com o grupo, com pessoas que trabalham e tem essas dificuldades. Tipo assim, uma identificação, aonde encontrar essas pessoas. Através dessa cartografia nós podemos encontrar essas mulheres. Isso é bom, é tipo você dar o seu endereço pra pessoa conhecer a gente lá fora. A partir desse momento. Nós vamos passar a ter o reconhecimento dessa área.” **Elane dos Santos Moris**, Costa do Canabuoça/Cristo Rei

“O Projeto Nova Cartografia não vai se arrepender com o conhecimento que adquirimos aqui foi muito bom. Como aí esse o GPS. Quem diria que esse trocinho identificaria a gente aqui, a comunidade, o roçado. Eu não acreditava que tinha esse trocinho fácil pras pessoas que tão lá chegar até nós.” **Eliane Pereira Diniz**, Parauá/São Francisco

O que somos e o que querem que sejamos

“Aqui tamos começando a ser assentamento. Ainda não recebemos o beneficiamento, mas tamo começando. O INCRA veio aqui. Tivemos na reunião mês passado. E em agosto já é pra gente tá recebendo. Esse benefício são R\$ 7.600,00. Porque R\$ 800,00 é pra fomento. R\$ 1.000,00



Fábrica de açaí localizada no Parauá. 13 julho 2007

pra compra de material permanente pra cada um e sai R\$ 500,00 para a construção de uma casa. Isso foi o senhor que eu esqueci o nome dele que repassou pra nós. Isso foi através do Sindicato e do INCRA que chegaram aqui, ninguém sabia. Muitas pessoas não fizeram porque tavam em dúvida, não sabiam se isso ia vigorar ou não. Aí chegaram assim vapt vupt, na beira do Solimões. Muitos deles fizeram. Dizem que quem não fez vai perder suas terras porque tudo vai ficar pro INCRA. Aí muitos não fizeram. Esse dinheiro é R\$ 2.600,00 não vai ser pago porque é projeto do governo. Só esses R\$ 5.000,00 com juros de 1% anual. Aí a pessoa que pagar em dias vai ter retorno e receber um cadastro do INCRA. Ele vai poder tirar até R\$ 18.000,00 pelo financiamento. Aí se tiver vivo até lá vai poder tirar alguma coisa. Aí tem direito dos alunos, os filhos estudar na faculdade. Muitos deles não queria porque depois que se cadastrasse não podia vender seu terreno. Aqui foi 42 famílias, da Assembléia de Deus e Parauá. Eles chegaram e fizeram o cadastro.” **Maria Pereira Diniz**, Parauá/São Francisco



Usina de energia, localizada na comunidade São Francisco do Parauá. 13 julho 2007.

Projeto experimental da UFAM através do Centro de Desenvolvimento Energético Amazônico (CDEAM)

“Eles não queriam que situasse essa Usina aqui porque eles disseram que esse projeto foi feito por detrás das costas do INCRA. Começou ano passado. Quem tinha terreno fazia e quem não tinha fazia também. Fizeram até o

Caviana. Eu acho que depois da Usina, da Universidade eles começaram a aparecer aqui.” **Maria da Conceição Pereira Diniz**, Costa do Canabuoca/Fé em Deus

“Temos um barco doado pelo PRO-VARZEA. A gente sempre ta lutando. Uma que a gente não pode ir fazer frete em Manaus porque os documentos não tão no nome da gente, né? Enquanto o PRO-VARZEA não passar o documento não podemos viajar. Final de julho vão reunir pra legalizar o barco para a ADESC. Não podemos fazer um contrato com a Prefeitura!” **Maria Pereira Diniz**, Parauá/São Francisco

Problemas e dificuldades

A água

“Quando seca pra nós é cacimba. Às vezes, são uma cacimba pra três famílias. Senão não tem água pra beber. Porque o Lago fica podre. Então a gente só vive começando. A gente, planta, planta, luta, luta ano passado. Quando chega o verão tem que começar a carregar menino pra escola. Às vezes é cobra no caminho, é muita dificuldades. Eu quero é juntar o Grupo pra falar a dificuldade da Educação. Setembro seca. Tem a dificuldade de olho d’água. Não é em todo lugar que tem olho d’água. No mínimo 2 vezes por dia vamos buscar água. Nossa agente de saúde manda colocar o cloro. Só quem mora aqui pode falar das dificuldades.” **Maria José da Silva**, Parauá/São Francisco

“(…) sobre a água esse ano que passou agora o pessoal pega o peixe lanceiro. A água fica podre aqui no rio. Fedem os peixes ficam mortos na beirada. Ano passado fomos obrigados a furar umas seis cacimbas nessa beira e achamos um olho d’água. Era uma água muito linda. Então quando você vê um olho d’água aqui bem. Porque a água aqui tem ferro. Parece que salgada. Todo o jeito. É muito ruim essa dificuldade. A nossa água do rio tá muito contaminada de veneno. O pessoal já fizeram exame e ta com agrotóxico. Então a maioria das pessoas cavam cacimba. Porque a água do rio tá horrível, só que não tem água. Só que não tem água pra lavar roupa. Tem gente que toma banho na água podre. Aí esse ano eu vi gente chegando com a pele cheia de caroço que é daquela água. Como elas falaram quando enche a gente larga tudo.” **Eliane Pereira Diniz**, Parauá/São Francisco

Os produtos

A gente, trabalha com material orgânico e não tem nada pra ele. Não temos apoio pra vender melhor. Muitos não querem comprar. A produção tem o mesmo valor. Não tem recompensa depois. Meus filhos tão todos espalhados na cidade para poder sobreviver. Todo mundo tem que se virar pra poder agüentar os estudos e sobreviver. Há 3 anos trabalhamos com material orgânico. Foi um projeto pros homens que as mulheres se meteram.” **Maria da Conceição Pereira Diniz**, Costa do Canabuoca/Fé em Deus

“A malva é um trabalho bom, mas é sacrificoso. Você rega, você colhe, mas o ruim é lavar a malva dentro da água. Muitos pais de 20 anos começaram a trabalhar, chega aos 40 a 50 anos não tem condição de lavar malva, porque já adquiriu reumatismo. Começa a dor nas juntas e se ele passar 20 minutos na água não tem mais condições do trabalho ir para frente. E outros tão aí no mamão, na pimenta. Esse não é o meu caso. O meu marido só trabalha com empeleita de roçado. Aqui também não tem SOS. Não tem posto de saúde que possa dar atendimento aqui.” **Elane dos Santos Moris**, Costa do Canabuoca/Cristo Rei



Da direita para a esquerda: Sra. Eliane, Maria e Sr. Elias, esposo de Dona Eliane tendo noções de GPS. 2 agosto 2007

“Eu já trabalhei com malva desde 7 anos. A gente, pergunta tem futuro a malva? Porque ele semeia e só faz alimpar né? Aí ele não põe a despesa da limpeza. Ele não faz assim, põe tudo no bico de lápis pra saber. Esse outros produtos como maracujá, com 3 meses você vai tirando e vai pagando trabalhador. E a malva não. Você planta ela, você vai limpar, você vai tirar os filhos, você vai tirar os matos que aqueles matos que tão no meio pequeno. Aí quando cresce você vai limpar de novo os filhinhos. Aí quando cresce você vai colher ela. Você corta ela, aí depois carrega, afoga, lava, mas você não vende não. Você tá necessitado mas não vende. Você deixa pra vender tudinho. Aí quando você colhe tudinho, vende 1 tonelada, 2 toneladas. Você vai ver o dinheiro só duma vez, mas você não notou as despesas que você deixou para traz (...).

Como as mulheres falaram aqui todo tempo tamo começando, nós plantemo um mamoad, perto de casa, na época 1800 pés de mamoad. Morreu a base de 700, choveu e morreu. Na primeira apanha colhemos 6 caixas, a segunda a água tava perto. Nós demos três apanha desse mamoad. E a água veio rápido comeu todo o mamoad. Eu chorei com pena. A gente enfiava a vara e tirava. A correnteza forte, forte. Todo dia a gente ia lá pra vê se conseguia tirar tudo. Aí tirava até os borrachudos. Todo ano você ta começando. Olha só ainda agora a Maria disse que a gente planta fim de junho mas tem terra que nessa data de junho ainda não ta plantando. Só em agosto. Aí agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março. Março começa a colher, no ano que vem. Com a água vindo mais cedo, tem abril e maio, 2 meses, só aí já tá alagando, mas você tirou tanta coisa. Disseram aí que a gente planta milho, jerimum, planta um monte de coisa. Pode pensar: – acho que eles devem fazer muito dinheiro? Porque puxa! Mas não faz porque a água vem e leva. Quando a água não leva a seca vem, o sol vem e mata. Porque eu plantei verdura aqui e o verão veio e matou. E ainda quando a gente num sabe aguar, quando aguoa já 8h, o sol esquenta e escalda. Todo mundo aqui trabalha. Não tem uma vida miserável, não! Mas todo o tempo é assim começando. Os filhos dizem: – eu vou pra Manaus. Mas a gente diz: – esse ano vamo saber trabalhar, vamo plantar cedo.” **Eliane Pereira Diniz**, Parauá/São Francisco

“(…) Lá em Manacapuru, o pessoal do Banco do Brasil financiaram os produtores. Aí faziam o financiamento de tirar R\$ 1000,00. Aí pagava com R\$ 700,00. R\$ 300,00 era o desconto que eles davam por ano. Nós corremos atrás. Aí, a comunidade do Jacaré foi, reuniu 10 pessoas de lá. Daqui foi outros. Do pesqueiro foi outros. Fizeram o financiamento. Acho que gastaram quase uns R\$ 1000,00 de passagem de andar daqui pra lá. O Banco disse que não tinha convênio com a FAPEAM pra liberar esse dinheiro. Foi um enrolamento todinho que nunca chegemo a receber esse financiamento com o pessoal do Banco que se acabou no meio de viagem.” **M.P.D.**, Parauá/São Francisco

A educação

“Aqui estuda uns até a 8ª série e os outros estudam na cidade se quiser continuar. Eles saem 9h 30min. Esses não almoçam. Quem tem três filhos estudando, no mínimo é R\$ 3,00. Quem tem três filhos estudando, repara quanto dar? Porque eles não almoçam, né? Eles têm que comprar um prato de comida pra eles. Tem deles que vai e volta só com a merenda que eles dão que é um copo de suco. Chega aqui 21h – 21h 30min. Isso, são os jovens que se sacrificam.” **Eliane Pereira Diniz**, Parauá/São Francisco



*Da direita para a esquerda:
Sra. Izanilde, Elane, Roseni e
Ana, ribeirinhas da Costa do
Canabuoca, participantes do
Grupo Mulheres Unidas do
Artesanato. 13 julho 2007*

"E quantas mães só têm até a 8ª série e parou! Tem vontade de estudar mais não tem recurso de estudar para continuar. Eu tô até pensando, eu que tô no EJA das 5ª a 8ª séries. Eu tô pensando se nós vamos fazer o 1º, o 2º. Eu tenho dois filhos estudando na cidade e eu já to pelo amor de Deus." **Maria Pereira Diniz**, Parauá/São Francisco

"Na boca do jacaré têm aula, do ensino médio, mas a gente ia chegar 1h da manhã na casa da gente. E o marido o que vai pensar? Você que não tem condição vai tá morta." **Elane dos Santos Moris**, Costa do Canabuoca/Cristo Rei

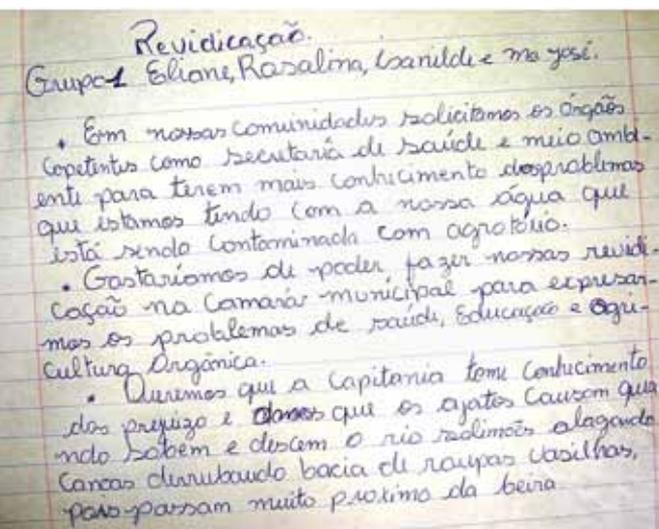
"Foi feito uma reivindicação de um barco, mas esse ano já avisaram que esse ano é o último ano. Começou com uma luta. Aqui os homens formaram um Associação e ta devagar. E as mulheres são mais interessadas por causa dos filhos. É a gente que ta sempre fazendo reivindicação na escola." **Eliane Pereira Diniz**, Parauá/São Francisco

Síntese dos problemas

- Na época da seca não podemos chegar ao Lago, pois só fica lama no paraná;
- Falta de água devido à seca do igarapé;
- Desvalorização da produção;
- Educação devido à distância;
- Falta de ensino médio na escola;
- Falta de assistência médica em caso de emergência;
- Falta de energia elétrica na Escola para conservar a merenda escolar;
- Quebra de barracos, perda de roupa e acidentes ocasionados pelas recorrentes passagens dos navios da Petrobras e lanchas a jato.

Reivindicações

- Presença dos órgãos competentes, como a Secretaria de Saúde e Meio Ambiente para ajudar o Parauá e a Costa do Canabuoca com os problemas decorrentes da aplicação generalizada de agrotóxico por pessoas que não são da comunidade;
- Que a Capitania saiba dos prejuízos que as embarcações a jato causam, quando sobem e descem o rio Solimões;
- Água com qualidade para termos mais saúde para nossos filhos;
- Ensino médio para os alunos que estão sem estudar devido à distância. Pois só existe ensino médio no Lago Jacaré e na Costa do Pesqueiro;
- Valorização dos produtos de nossas plantações.



CONTATOS

Mulheres Unidas do Artesanato
Elanias dos Santos Moris
Comunidade Cristo Rei
Costa do Canabuoca
Margem direita do rio Solimões
telefone 92. 9123-8913

Grupo Mulheres Guerreiras Ribeirinhas
Eliane Pereira Diniz
Comunidade São Francisco do Parauá
Margem direita do rio Solimões
telefone 92. 9188-3817

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford/ PPGSCA/ UFAM)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itaocãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará

REALIZAÇÃO

CMGR – Grupo Mulheres Guerreiras Ribeirinhas
MUA – Mulheres Unidas do Artesanato

APOIO

PPGSCA-UFAM
PPGDA-UEA

